



Calidoscópico

E-ISSN: 2177-6202

calidoscopio@unisinis.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Lima, Francisco Renato; Soares Borges, Vanessa Raquel; Alves Filho, Francisco
A corporificação do gênero textual e os sentidos polissêmicos do texto tatuado no corpo
humano: cadernos ambulantes
Calidoscópico, vol. 13, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 163-175
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=571561393004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Francisco Renato Lima
fcorenatolima@hotmail.com

Vanessa Raquel Soares Borges
vanlock18@hotmail.com

Francisco Alves Filho
chicofilhoo@gmail.com

A corporificação do gênero textual e os sentidos polissêmicos do texto tatuado no corpo humano: cadernos ambulantes

Materialization of text genres and the polysemous senses of text tattooed on the human body: Walking notebooks

RESUMO - A questão da tatuagem enquanto fenômeno social que se insere na perspectiva do gênero do discurso ganha espaço neste estudo a partir do objetivo de analisar as configurações da tatuagem inscrita no corpo humano, entendendo este como suporte eventual do gênero, buscando identificar as impressões, os significados e os propósitos explícitos e implícitos nessas práticas. Para tanto, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, sob uma abordagem qualitativa no tratamento dos dados, que foram analisados, principalmente à luz da epistemologia bakhtiniana acerca dos gêneros do discurso, além da discussão sobre a relação entre gênero e suporte textual e as noções sobre a tatuagem nos relevos do corpo humano na contemporaneidade. A pesquisa, realizada em dois estúdios de tatuagem em Teresina (PI), envolvendo cinco interlocutores, sendo dois tatuadores e três tatuados, revelou um significativo índice de recorrência da tatuagem, o que reafirma o caráter dialógico e interacionista desse gênero do discurso, e que para a transmissão de suas mensagens, explícitas ou implícitas, o sujeito tatuado – autor do próprio texto – utiliza-se do corpo como instrumento polissêmico de expressão de ideias e como suporte incidental para uma gramática epidérmica, assumindo a luta pelo enfrentamento de questões de superação de preconceitos, reconhecimento de seu valor artístico-cultural e aceitação social. Esse corpo é utilizado como instrumento do dizer, para expressar seus desejos e anseios por meio da arte. Constitui-se, desse modo, a metáfora do caderno ambulante, em que a pele é transformada em um espaço para a inscrição definitiva de signos linguísticos, por meio de símbolos carregados de valores ideológicos, que movimentam as ações no mundo, e do próprio movimento do corpo físico e material no espaço.

Palavras-chave: gêneros do discurso, tatuagem, corpos polissêmicos.

ABSTRACT - This study addresses tattoo as a social phenomenon, adopting the perspective of discourse genres. The objective is to analyze the configurations of tattoos inscribed onto the human body – understood as an occasional support for this discourse genre – in order to identify the impressions, senses, meanings and purposes made explicit and implicit through these practices. To this end, we conducted bibliographical and field research using a qualitative approach. The data were analyzed primarily on the basis of Bakhtin's epistemology of discourse genres, discussing the relationship between genre and textual substrate and current notions about the tattoo and the human body. Field research was conducted at two tattoo studios in Teresina, state of Piauí, Brazil, and involved five interlocutors: two tattoo artists and three tattoo recipients. Discussions revealed a significant recurring number of tattoos which reaffirm the dialogic and interactional nature of this discourse genre. They also demonstrate that, as a means of conveying their desired explicit or implicit messages, tattooed subjects – the authors of their own text – use the body as a polysemic instrument to express ideas and as an incidental substrate for an epidermal grammar, thus accepting the struggle to tackle and overcome issues of prejudice, searching for recognition of its artistic and cultural value, as well as social acceptance. The body is thus used as an instrument of speech, a means of expressing one's wishes and desires through art. This way it constitutes the metaphor of a "walking notebook", whereby the skin is transformed into a space for definitive registration of linguistic signs, by means of symbols charged with ideological values, which move actions in the world, and through the movements of the physical and material body itself in space.

Keywords: genres of speech, tattoo, polysemic bodies.

Introdução

A efemeridade dos tempos pós-modernos tem se acentuado, principalmente, pelas formas como o homem demarca seus territórios de ocupação e a linguagem tem servido como instrumento para o alcance de seus feitos. Através da escrita, essa representação ganha contornos cada vez mais visíveis, pela forma como esta é utilizada como mecanismo de marcação identitária e busca da realização pessoal. Dessa forma, extrapolando as linhas do caderno convencional, o homem transformou o próprio corpo em suporte para o texto, uma escrita de si mesmo, transformando-se em uma espécie de caderno ambulante, que comporta vários gêneros textuais e os efeitos de sentido que eles representam.

O gênero textual ganha forma nos relevos do corpo humano inscrito através de tatuagens e outras marcas corporais, como retratos externos que emergem da subjetividade e corroboram para a construção da identidade do sujeito tatuado, constituindo assim, uma escrita de resistência, que desloca o eixo do texto de suas funcionalidades tradicionalmente construídas (registro funcional e prático de informações) para uma posição de adorno, performática, estética e simbólica, uma marca objetiva de identificação do sujeito.

Explorar as possibilidades de transmutação do gênero – da folha de papel à pele – é promover um encontro entre uma escrita convencional e uma escrita audaciosa, que se entrelaçam pela semantização do texto. A escrita grafada na pele humana traz consigo uma carga ideológica, permeada por intencionalidades distintas (explícitas ou implícitas), carga de poder, ideias, representações, atitudes e valores que representam uma forma de comunicação e interação entre aquele que se torna portador desta escrita e o mundo que o cerca.

É com base em tal enfoque que este estudo objetiva analisar as configurações da tatuagem inscrita no corpo humano, entendendo este como suporte eventual do gênero, buscando identificar as impressões, os significados e os propósitos explícitos e implícitos nestas práticas. Para tanto, prioriza-se uma abordagem qualitativa no tratamento dos dados, oriundos do diálogo entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

Os recortes teórico-metodológicos que situam a relação objeto de estudo e autores no processo de pesquisa e escrita do texto ancoram-se, principalmente na epistemologia bakhtiniana (2009/2011), acerca dos gêneros do discurso, a qual concebe o uso da língua relacionado a diversas esferas da atividade humana, efetivado por meio da forma de enunciados (orais e escritos) únicos, como “tipos relativamente estáveis” (2011, p. 262); e na leitura de autores como: Braga (2009) e Faraco (2003), os quais dialogam com Bakhtin; bem como: Grogard (1992) e Pérez (2006), ao tratar da tatuagem; Marcuschi (2003), ao discutir a relação entre gênero e suporte textual; e Greiner

(2005) e Le Breton (2003), ao tratarem dos sentidos polissêmicos assumidos pelo corpo na contemporaneidade.

Na fase de coleta de dados da pesquisa de campo, além da observação direta dos fatos, utilizou-se do instrumento entrevista, por meio da formulação de perguntas abertas, conhecidas como subjetivas, em que os sujeitos da pesquisa apresentaram suas respostas, de forma oral e livre, o que permitiu constituir um *corpus* de 5 entrevistas, sendo 2 com tatuadores e 3 com pessoas tatuadas. A coleta de dados com os tatuadores deu-se em dois estúdios de tatuagem; e com os sujeitos tatuados aconteceu em locais variados, sendo um deles em um destes estúdios (um cliente que estava tatuando o corpo), e os demais em situações informais em praças públicas na cidade de Teresina (PI). Ao zelar pelo anonimato dos entrevistados, bem como o nome dos estúdios, adota-se a seguinte terminologia: Estúdio 1 (E1) e Estúdio 2 (E2); Tatuador Profissional 1 (TP1) e Tatuador Profissional 2 (TP2); Sujeito Tatuado 1 (ST1), Sujeito Tatuado 2 (ST2) e Sujeito Tatuado 3 (ST3).

Neste sentido, a organização das ideias apresentadas neste texto encadeia-se a partir da seguinte lógica: primeiro teoriza-se sobre os gêneros do discurso na teoria bakhtiniana; em seguida trata-se da tatuagem e os aspectos de modalidade verbal e não-verbal, morfologia corporal e os sentidos polissêmicos do texto escrito no corpo humano; depois se aponta para esse corpo como suporte eventual para o gênero. À guisa das análises de campo, intercambia-se à luz das teorias referenciadas, os resultados da pesquisa realizada com os sujeitos entrevistados, os quais mostram que a tatuagem se insere na perspectiva do gênero, repleta de sentidos, explícitos e implícitos inscritos no corpo, que revelam o lugar social de enunciação de cada sujeito no mundo.

Gêneros do discurso: encaminhamentos epistemológicos

A natureza do processo comunicativo é marcada pelo entrelaçamento de vozes tecidas por meio de enunciados (orais ou escritos), os quais compõem as tramas discursivas, atendendo aos propósitos de comunicação social e interação humana. Estes propósitos, inevitavelmente, organizam-se em forma de gêneros, independente do sujeito enunciativo ter consciência desse processo, ele acontece de forma natural, ou seja, as ações humanas de interação com e pela língua dão-se inevitavelmente por meio de gêneros. Dito de forma mais sintética: a construção de significados e sentidos entre o homem e o mundo se dá, primordialmente, através de gêneros. Por isso, segundo Bakhtin (2011), torna-se necessário o conhecimento sobre eles, pois se a cada processo de fala fosse preciso criar um novo gênero, a comunicação verbal seria quase impossível.

Os gêneros do discurso estão presentes em todas as relações de interação social entre os indivíduos, que

marcam sua identidade, apreendem os sentidos do mundo e constroem-se como sujeitos, a partir da linguagem em dinamismo e movimento. Com base na perspectiva bakhtiniana, Faraco (2003, p. 112) esclarece ao apontar que: “os gêneros do discurso e atividades são mutuamente constitutivos. Em outras palavras, o pressuposto básico da elaboração de Bakhtin é que o agir humano não se dá independente da interação; nem o dizer fora do agir”, ou seja, os gêneros se constituem na atividade humana.

O enunciado está vinculado a elementos constitutivos de um dado gênero discursivo, como: conteúdo temático (o assunto tratado), estilo (as formas particulares de escrita, vocabulário, léxico, gramática etc.) e plano composicional (a estrutura formal), também tratados por Bakhtin (2011, p. 275) ao compreender que “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro”. De forma interconexas entre si, essas características são determinadas a partir das funções específicas de cada esfera da comunicação e os enunciados tornam-se semanticamente significativos, na medida em que as possibilidades de uso da língua são extrapoladas.

As dimensões axiológicas dos gêneros do discurso são tão variadas quanto as esferas de atividade humana. Apesar de terem certa estabilidade, os gêneros mudam e adequam-se às necessidades decorrentes das transformações sociais e assumem diferentes significações a partir de um tema, que “se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (Bakhtin e Volochinov, 2009, p. 133), seja por formas linguísticas verbais ou não verbais, como, por exemplo, a significação da tatuagem, enquanto gênero discursivo, que pode ser repetida na forma material, mas adquire significados e sentidos distintos, de acordo com a situação social em que está inserida.

Ao propor uma discussão sobre a tatuagem, não apenas como material semiótico que se inscreve na epiderme humana, mas como gênero discursivo, a luz da concepção bakhtiniana, torna-se relevante situar a noção de signo linguístico intimamente relacionado a questões ideológicas, uma vez que a ideologia está presente nos contextos reais, implícita nos discursos e nos produtos do consumo cotidiano, podendo ser percebida nos corpos físicos por meio de símbolos, pois “toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico” (Bakhtin e Volochinov, 2009, p. 31) e ao converter o objeto físico em signo, não deixa de compor a realidade material, mas “passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade” (p. 31).

Ao inserir-se socialmente nesta realidade, este signo “está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (Bakhtin e Volochinov, 2009, p. 32). Assim é o caso da tatuagem, que ao materializar-se no corpo humano, tomando-o como suporte sobre o qual implicará seus sentidos, passa por um processo de reconhecimento, redescoberta, aceitação e transformação da imagem do sujeito tatuado, que a partir de então passa a carregar uma marca expressiva e indissolúvel a qual o torna único e que reflete sua percepção de mundo e constrói sua identidade na sociedade. Esta por sua vez dará uma resposta: “reação-resposta ativa responsiva” (Bakhtin e Volochinov, 2009), ou seja, “[...] a tatuagem está para o sujeito assim como o sujeito para a tatuagem, trata-se de um atravessamento de mão dupla”, conforme aponta Braga (2009, p. 143), na leitura bakhtiniana.

Os gêneros realizam ações e são realizados/construídos por elas, de modo que há uma relação compartilhada e intrínseca com as condições sociais em que ele se manifesta, o que torna relevante promover uma discussão sobre os aspectos de modalidade verbal, morfologia corporal e os sentidos polissêmicos do texto escrito no corpo humano, por meio da tatuagem, considerada nessa dimensão dialógica do gênero.

Tatuagem: modalidade verbal e não-verbal, morfologia corporal e os sentidos polissêmicos do texto escrito no corpo

Sentidos polissêmicos, controversos e ousadia dão o tom à tatuagem. Do meramente belo e estético ao prático, verbal e morfológico, o texto¹ grafado na pele simboliza a efusão plena de um “eu” subjetivo e criativo, a transcendência de sentimentos e ideias transgressoras, pelas quais o homem dominado pelo instinto ou desejo de “dizer” algo, de forma diferenciada e única, faz do próprio corpo o painel de inscrição do código escrito.

Os estudos antropológicos e arqueológicos acerca das civilizações antigas revelam que a tatuagem existe desde as épocas mais remotas. Os gregos antigos a utilizavam para distinguir as castas e o lugar social de cada indivíduo. Em 1991, foi encontrado na Itália um corpo congelado, apresentando vários desenhos sobre a pele, que supostamente teria vivido há cerca de 7.300 anos. Também, o corpo mumificado da princesa Amunet, de Tebas, apresenta rabiscos azuis, entre pontos e tintas, que remetem a mais de 4.000 anos (Grogard, 1992).

No continente Ocidental, a tatuagem chegou através das grandes expedições marítimas do século XVIII, em que era utilizada como uma prática comum entre

¹ Nesta pesquisa, adota-se a concepção de texto como “toda ocorrência linguística [ou não] falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal” (Val, 1991, p. 3).

capitães e marinheiros, que transformavam seus corpos em telas para exibir as paisagens “exóticas” que descobriam (Pérez, 2006). Na contemporaneidade, “época do descartável, efêmero e virtual, a aquisição de um adorno permanente no corpo, impossível de desaparecer, ser roubado ou substituído, tornou-se uma opção atraente para muitas pessoas” (Ramos, 2001, p. 183). A partir da década de 80, com o estabelecimento de modernos estúdios exclusivos de tatuagem, ela ganhou novos espaços, com novos domínios de participação, ressignificação dos sentidos e aceitação social, saindo cada vez mais da condição marginal e firmando-se como um elemento cultural e identitário, em meio a “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (Hall, 2011, p. 13) de se identificar, que surgem e fragmentam o indivíduo, antes visto como único.

Consideradas estas mudanças, decorrentes principalmente das diferentes formas de apropriação que sofreram durante os tempos, é que se permite pensar a tatuagem como gênero discursivo, posto que no tratamento dado ao gênero:

Se por um lado existe uma necessidade positiva, sistêmica, linguística-estrutural de conjugar os gêneros em torno de uma regra de traços e funções, por outro lado, caminha-se na direção das movências de sentido, fundadas nas condições de produção dos discursos e na referencialidade polifônica dos sujeitos ao se inscreverem nos discursos (Santos, 2004, p. 330-331).

A luz dessa discussão, compreende-se a tatuagem como uma escrita de metamorfose, na qual transmuta o texto de seu lugar tradicional: o papel e o leva para o espaço do corpo humano, ao mesmo tempo na modalidade verbal e não verbal, na medida em que utiliza de linguagem verbal - o uso da escrita (palavras, frases e textos tatuados) como forma/código de comunicação e expressão -; e linguagem não verbal - a forma/código utilizado é a simbologia (desenhos, figuras, símbolos e cores tatuadas). Nessa perspectiva, Braga (2009, p. 137-138):

[...] introduz a tatuagem como um signo de escrita ou de inscrição, cuja materialização está no corpo, constituindo parte intrínseca desse signo. É a junção de traços, tintas e pele que faz com que aquela determinada região corpórea, antes “limpa” ou “vazia”, passe a simbolizar semanticamente outra coisa. Essa outra coisa, seja desenho, grafismo, aforismo, passará a refletir e refratar toda carga ideológica que esse signo agrega.

A realização do aspecto morfológico da língua se manifesta e realiza-se na epiderme, a partir da forma como a estrutura, a formação e a classificação de cada palavra ou texto tatuado “adentram” no corpo humano. “O fenômeno da morfologia corporal” (Pereira Jr., 2009) se dá de forma peculiar, em que as classes de palavras ou gramaticais: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição assumem estatuto de operadores sociais de sentidos e significados

isolados, que devem ser lidos e interpretados, de acordo com o contexto sociocultural em que foram produzidas.

Bakhtin e Volochinov (2009, p. 133) definem essa questão como o problema da significação, pois cada enunciação carrega um sentido único e definido. Essa enunciação possui um sentido completo, que pode ser chamado de tema; e este será, “assim como a própria enunciação, individual e não reiterável”. Deste modo, o mesmo enunciado terá um sentido diferente cada vez que for citado e também um tema diferente, conforme a situação histórica concreta em que é pronunciado e da qual faz parte, ou seja, um mesmo desenho (o rosto de Nossa Senhora, por exemplo), terá sentidos diferentes a cada vez que for tatuado em uma pessoa, posto que as motivações para essa produção variam de pessoa para pessoa.

Nesta direção, as unidades de análise: as tatuagens, as quais serão tecidas às significações teóricas, repousam sobre um espaço concreto: o corpo, painel ilustrativo de sentidos polissêmicos, permeado por retratos que marcam a identidade, a individualidade e o lugar do indivíduo na sociedade. Essa moldura discursiva possibilita um caráter volátil e ambulante ao gênero discursivo, conforme se discute a seguir.

O corpo como suporte para o gênero: cadernos ambulantes

A codificação de uma “gramática” epidérmica pressupõe um espaço em que os rastros desta grafia possam imprimir suas marcas de pensamento, força, ideologia, ideia, valores e representações, enfim, uma história de si mesmo, a qual se desvela e coloca sob a égide social. Este espaço, o qual a escrita se perpetua, é definido como suporte textual ou suporte para o texto. Os primeiros deles foram o papiro e as paredes rochosas das cavernas, na Antiguidade; em seguida, o papel, sob diferentes formatos (livro, jornal, revista, outdoor etc.). Logo depois, com as transformações e necessidades socioculturais, esse espaço ampliou-se ainda mais com o surgimento do rádio, do telefone, da televisão etc.; e de forma não tão convencional, o corpo humano insere-se nessa definição, sendo encarado como uma espécie de caderno ambulante ou diário confessional, que carrega os sentidos e significados que essa escrita representa socialmente; neste caso, o sistema semiótico da tatuagem.

O corpo sempre serviu como espaço para a ostentação do belo e para comunicar uma mensagem ou um sentimento. Dos tempos bíblicos aos contemporâneos, o homem utilizou-se do próprio corpo para seduzir, criar o desejo e se identificar de alguma forma com o mundo. Na atualidade, “[...] o entendimento do corpo e das suas relações com o ambiente, os sujeitos, a consciência, a linguagem e o conhecimento, vêm sendo rediscutidos e redimensionados” (Greiner, 2005, p. 48), e ganha uma nova forma de ser discutido e explorado por diferentes

mídias de educação, mercado e cultura. O corpo passa a ser um acessório, uma ponte de encontro entre a identidade individual e coletiva, que pode ser remodelada e redefinida (Le Breton, 2003). Nas palavras de Pereira Jr. (2009, p. 1), essa ideia de mudança e transformação do corpo, atrelado à tatuagem, é assim justificada: “a tatuagem já sinalizou a reação do sujeito a um sistema marginalizador (o corpo última propriedade de quem não tem). Hoje, sugere que o tatuado é gestor de si mesmo. Ele intuiria no corpo um signo, uma convenção arbitrária”. No mesmo entendimento, Braga (2009, p. 143), aponta que neste caso:

[...] temos o corpo não apenas como suporte textual, mas sobretudo, como mídia constitutiva do enunciado, determinando sua produção e circulação. Ou seja, indicando onde esse material semiótico entrará como signo ideológico comunicativo. E é essa interação na práxis da atividade humana que caracteriza o estilo e, concomitantemente, o enunciado desse gênero discursivo.

O suporte representa assim uma forma pela qual o gênero se realiza socialmente. Os sentidos e a mensagem do gênero serão determinados também pelo tipo de aparato, superfície ou objeto, físico ou virtual que o comporta. Os conceitos são próximos e muitas vezes confusos, mas pode-se distingui-los, na maioria das vezes, a partir da ideia de que o gênero se apresenta no formato de um texto, enquanto que o suporte é um objeto concreto, material, que ocupa um lugar físico no espaço, ou seja, um “portador do texto” (Marcuschi, 2003, p. 10), portanto, “um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto”.

Marcuschi (2003) considera ainda, que existem dois tipos de suporte: o convencional e o incidental. O primeiro é elaborado com a finalidade de portar textos; e o segundo é aquele que funciona apenas como suporte ocasional ou eventual. Assim, qualquer superfície física pode, em algum momento, funcionar como suporte: material ou virtual, que fixa um gênero. Esta compreensão é que permite considerar o corpo como um suporte, do tipo incidental, na medida em que serve como “caderno” para um texto: a tatuagem.

Assim, “o gênero é sempre identificado na relação com o suporte” (Marcuschi, 2003, p. 2), eles entrelaçam-se e constroem o sentido da mensagem, mutuamente, de modo que não há como considerá-los separadamente. No corpo (suporte), o texto (tatuagem) se realiza e se processa enquanto tal, a partir das intenções dos sujeitos interlo-

cutores nas situações de enunciação das quais participam socialmente, construindo-as e sendo construídos por elas; conforme se verificou na coleta de dados, os quais serão analisados a seguir.

Tatuagem: escritas de resistência – análise do *corpus*

Intercambiando os sentidos da teoria às histórias coletadas na pesquisa de campo, esta etapa do estudo se detém a análise do *corpus*, que constitui a pesquisa: 2 entrevistas com tatuadores profissionais e 3 com pessoas tatuadas. Para tanto, adota-se uma estrutura textual em tópicos sequenciados, contendo as falas² dos tatuadores e em seguida, dos tatuados; e as respectivas análises, baseadas nas perspectivas teóricas orientadoras da pesquisa. Das conversas e registros fotográficos compreendidos no curso da investigação, emergiram situações, as quais evidenciam a tatuagem como um gênero discursivo, que se empreende como tal, a partir de um processo volátil de sentido e significação particular, a cada tatuador e cada pessoa tatuada.

Os tatuadores

A matéria-prima de introdução ao mundo prático das tatuagens foram as falas dos sujeitos tatuadores (Tatuadores Profissionais³). Esses dados foram coletados em locais diferentes: dois estúdios de tatuagem (E1 e E2), utilizando-se os mesmos questionários para ambos os interlocutores. Uma vez que se pretendeu conhecer o contexto, as motivações e os movimentos que desencadeiam a ação dos tatuadores na realização de sua arte e de sua profissão, dispensou-se a eles o seguinte questionamento: “*A quanto tempo você realiza esse trabalho? Como surgiu essa profissão em sua vida?*”

Tatuador Profissional 1 (TP1) (E1): Já faz mais ou menos 1 ano e 7 meses. Comecei mais pelo valor artístico, porque já desenhava desde moleque e isso veio crescendo na minha vida. Sempre dei valor muito à arte. E hoje sou tatuador, me dedico cada vez mais, faço por amor e aí veio como profissão. Não imaginava que isso ia acontecer na minha vida. Veio duma forma de repente. Antigamente eu tinha um sonho de viver de música, só que o sonho foi morrendo e nasceu o de tatuagem.

Tatuador Profissional 2 (TP2) (E2): Tem 1 ano e 3 meses. Na minha vida surgiu mais por um acaso. Eu já tinha vários amigos, uns quatro que viraram tatuadores. Só que eu sempre gostei de desenhar e gostava de ser tatuado. Nunca pensei ser tatuador na minha vida.

Eu trabalhava com fotografia, nada a ver com tatuagem. Mas um dia eu saí do outro emprego, resolvi investir e hoje, graças a

² As falas dos sujeitos da pesquisa foram editadas pelos autores, retirando erros e repetições excessivas, comuns à linguagem oral. Desse modo, padronizou-se a linguagem nas transcrições, visando fluidez e clareza do texto, mas sempre mantendo a preocupação em zelar pelo sentido original do que foi dito.

³ Cabe ressaltar que a atividade do tatuador não é oficialmente reconhecida como profissão, embora na redação deste texto, refira-se a eles como “Tatuadores Profissionais”.

Deus, estou aqui tatuando e pretendo seguir mais um tempinho pra frente. É bom, uma arte legal (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

No diálogo com os tatuadores perceberam-se vários pontos comuns que os levaram a se inserir no mundo da tatuagem. A atividade surgiu em segundo plano, como uma tentativa de aliar os interesses próprios à necessidade de inserir-se no mercado de trabalho. Ambos têm uma experiência relativamente curta nessa atividade, considerando que a desempenham há menos de dois anos, embora revelem maturidade ao encará-la como forma de expressão ideológica, repleta de valores e representações no meio social.

A análise do contexto de produção da tatuagem revela especificidades e características próprias ao processo de criação e construção de um imaginário social sobre o fenômeno da tatuagem, entendendo-a como uma forma de expressão artística, que permite a interação e o diálogo com o mundo. Os sujeitos enunciam que os caminhos os quais os levaram ao universo da tatuagem foram motivados principalmente pelo valor artístico que ela representa. Os dois buscaram na tatuagem uma forma de realizar o desejo de viver de arte. TP1 não conseguiu esse desejo através da música, que era seu principal sonho. TP2, também por não encontrar espaço no ramo da fotografia, foi levado para o universo da tatuagem, por influência dos amigos e como forma de inserir-se no mercado de trabalho.

Deste modo, constata-se que na realização da atividade de tatuador, sobressai-se o aspecto artístico-cultural. Nas vozes de ambos, o sonho de desenhar, que os acompanha desde criança, levou-os ao campo profissional, no mundo dos adultos, no qual a tatuagem se insere como gênero discursivo, que se define como tal, a partir de um processo de aceitação e recorrência no meio social. Assim, é-se levado a indagar: *“Quais os tipos de tatuagens mais procuradas/recorrentes?”*

Tatuador Profissional 1 (TP1) (E1): Homenagear familiares, como filhos, mãe, pai, através de nomes, fotografias. Na região onde a gente vive, o pessoal ainda é muito limitado pela questão de nomes, corações, essas coisas que representam. Lá fora é diferente. A representação, geralmente é com desenho.

Tatuador Profissional 2 (TP2) (E2): É mais é tatuagem comercial, como frases, nomes, infinito, coração, borboleta. Tem também a cobertura de algumas tatuagens mais antigas, que já estão despigmentando, ficando falhada. A gente faz mais esse processo de restauração de tatuagens e cobertura de cicatrizes (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

Da recorrência no meio social, emerge a consolidação da tatuagem como um gênero discursivo, que a partir de situações sociais de interação (Rodrigues, 2005), assume sentidos e significados distintos, conforme as funções específicas da enunciação (Bakhtin e Volochinov, 2009). Neste caso, as falas dos interlocutores apontam que há uma recorrência significativa pela procura da tatuagem, sendo

tratada como elemento representativo e de valor sentimental para quem a inscreve no corpo. Segundo os tatuadores, os assuntos mais comuns das tatuagens, que representam o conteúdo temático do enunciado, conforme trata Bakhtin (2011), estão relacionados a vínculos familiares, como por exemplo, nome de pais, mães, filhos ou namorados, na forma de palavras, frases, fotografias, imagens ou desenhos. Este último é apontado como não muito solicitado no contexto local, o que leva a compreender a construção do gênero como intimamente ligado a um lugar social e a questões histórico-ideológicas.

Outros aspectos a serem considerados estão relacionados à correção de uma arte já realizada, e que precisa ser renovada, pois, que se desgastou com o passar dos tempos; e também a um caráter utilitário da tatuagem na correção de cicatrizes para efeitos estéticos. Dessa forma, buscou-se conhecer, com os tatuadores, as motivações que levam as pessoas a inscreverem essa arte no corpo. Para tanto, definiu-se a seguinte pergunta: *“Que tipo de desejo ou sentimento as pessoas buscam expressar através da tatuagem?”*

Tatuador Profissional 1 (TP1) (E1): É mais pelo valor sentimental, representação familiar. Tem gente que quer marcar na pele infinitamente, já que a tatuagem nunca mais vai sair, por mais que a pessoa tente retirar cem por cento num sai, fica manchas. É como tatuagem com nome de namorados, tem gente que faz pensando que é uma coisa que vai ficar pra vida toda, mas que acaba às vezes não durando.

Tatuador Profissional 2 (TP2) (E2): Assim, é uma coisa bem variável. Algumas pessoas vêm buscar algo pra sair do comum! Tem pessoas que chegam aqui e faz uma tatuagem apenas porque acha bonito o desenho, que é o caso de uma borboleta, as mulheres. Outras fazem com uma ideia de ficar uma coisa mais sensual e outras pra recuperar a autoestima, que é o caso das pessoas que têm cicatrizes. Outros são aqueles caras de academia que querem fazer pra se mostrar mesmo, caras bombados que querem destacar o músculo pras mulheres ficar mais em cima (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

Motivações, desejos, sonhos ou aforismos levam as pessoas a transformarem um corpo em um caderno de anotações. Sejam elas relacionadas ao valor sentimental, como uma espécie de agenda particular, ou um muro de inscrições afetivas, a tatuagem manifesta-se como uma forma de alcançar um propósito, um sentido de representação e construção identitária com o mundo, por meio da ideia de “sair do comum” (TP2), melhorar a autoestima, a construção de uma imagem narcisista, de apelo sensual ou erótico, ou apenas porque “acham bonito” (TP2), sem muitas razões específicas.

Assim, identifica-se a perspectiva teórica bakhtiniana, de que o gênero se realiza em uma esfera social, assumindo sentidos e significados diferentes, conforme os propósitos comunicativos pretendidos; e a partir de um tema concreto, que dá origem a enunciação. Neste caso, partindo das funções específicas que cada pessoa atribui a

sua tatuagem, percebe-se que há um motivo particular, o qual é fruto de algum tipo de influência em seu processo de escolha. Desse modo, buscou-se conhecê-las, através dos seguintes questionamentos: *“Como acontecem as escolhas dos tipos de tatuagem a serem feitas? As pessoas geralmente chegam com algo definido ou você interfere nas suas escolhas?”*

Tatuador Profissional 1 (TP1) (E1): Às vezes a gente dá um palpite, mas quando a pessoa vem decidida, por mais que você dê um palpite, elas não aceitam. Na verdade, o trabalho do tatuador é desenvolver a arte e passar pro cliente. Se ele num se agrada, você tem que fazer outra, até ele ficar satisfeito. O cliente tem o direito de cobrar uma arte, e o tatuador tem a obrigação de dá uma arte pro cliente, pois isso já faz parte da tatuagem e está incluído no valor da tatuagem.

Tatuador Profissional 2 (TP2) (E2): Algumas pessoas já chegam com a ideia toda pronta, outras chegam com a ideia-base e a gente tem que dá uma melhorada, vai dando um palpite, mas a gente nunca interfere no gosto da pessoa, tipo ‘ah faz essa porque essa tua não é legal’, porque tatuagem é algo bem pessoal. Se a pessoa diz ‘eu gosto de borboleta’, não posso sugerir: ‘faz um dragão!’ Se a pessoa tem dúvida, a gente geralmente pergunta seus gostos, o que ela costuma fazer da vida. A única coisa que a gente tatuador pode interferir, num é nem interferir, mas dá nossa opinião é referente a pessoa ser... é até estranho falar isso porque soa até um pouco como racismo, mas não é racismo, porque a pele mais morena ela tem uma dificuldade maior de botar algum tipo de pigmento e não fica legal cicatrizada...ai tem algumas pessoas de pele bem escura, que quer fazer, por exemplo, a tatuagem da Sininho, que é uma fadinha verde, loira, da pele clara. Não tem como a gente deixar ela como realmente é numa pessoa de pele morena (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

Vista sob esse aspecto, a questão possibilita várias reflexões. Dentre elas, prevalece o fato das escolhas pelo tipo de tatuagem serem motivadas por questões ideológicas e representações de mundo próprias do sujeito tatuado. Porém, muitas vezes, existem aquelas pessoas indecisas, que necessitam do apoio de alguém que reafirme ou aprove sua ideia. Geralmente, esse papel é representado pelo tatuador, dentro dos estúdios de tatuagem. Mas mesmo quando fazem isso, tanto TP1 e TP2 garantem que não “interferem” propriamente na decisão, mas que apenas ajudam a pessoa a definir-se por algo que já faz parte de seus gostos; e nisso estabelece-se uma relação de diálogo, parceria e cumplicidade entre eles, na medida em que a pessoa que pretende fazer a tatuagem chega ansiosa, muitas vezes tensa, e deposita suas confianças e expectativas no tatuador.

No processo de criação da tatuagem, os interlocutores revelam que cada tatuador tem um estilo particular de desenvolver sua arte, o que reafirma, mais uma vez, o caráter essencialmente artístico do gênero, que assim como as demais formas de expressão artística, historicamente definidas no meio social, como a música, a pintura, a literatura, a dança etc., também é marcada por estilos próprios que se diferenciam a partir de traços peculiares dentro do próprio gênero, em seu processo de criação.

Ao tratar da criação, remete-se a questão da autoria, proposta por Bakhtin (2011, p. 21), ao afirmar que essa relação criadora é baseada no princípio de exotopia, segundo o qual o sujeito é único, embora seja construindo na relação com o exterior, um “excedente de visão humana”, “condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim”.

Nesse interim, cabe indagar, quem no processo de construção da tatuagem é o autor: o tatuador ou o sujeito tatuado? Bakhtin (2005, p. 41), acerca da imagem do autor, apresenta-o “como sujeito que veicula o processo criador e ao mesmo tempo representa a si mesmo” em uma posição de interação com o mundo. Concordando com isso, defende-se que a autoria da tatuagem, como uma materialidade semiótica do texto inscrito na pele, cabe ao próprio sujeito tatuado, em vista de que o “autor não é sinônimo de quem redigiu ou proferiu (ou no caso da tatuagem, quem desenhou), e, sim, de quem assume seu projeto discursivo”, conforme aponta Braga (2009, p. 145), também em leitura bakhtiniana.

Deste modo, percebe-se que a tatuagem está relacionada a questões ideológicas, axiológicas, interacionais e dialógicas com o mundo, e, portanto, cabe analisar algumas mudanças que ela sofreu ao longo do tempo, a partir do seguinte questionamento: *“Quais as principais mudanças que você analisa que ocorreu na forma como as pessoas viam a tatuagem antigamente e como elas veem hoje?”*

Tatuador Profissional 1 (TP1) (E1): Houve algumas mudanças. Não aqui nessa parte do Nordeste, que ainda num chegou, tem uma desvalorização muito grande. Como eu disse, tem um valor artístico em cima e tem um valor sentimental e aí você quando junta os dois fica uma coisa só.

A questão de tatuagem é bastante ampla e quem tem uma visão marginalizada, e tem muita gente que ainda tem, precisa pesquisar mais sobre a tatuagem. Hoje em dia é usada até para tratamento de câncer. No caso de câncer de mama que é tirado o seio, aí faz a tatuagem, que é chamada de realista, em que faz a aureolazinha do seio e uma série de outras coisas. Tem cobertura de cicatriz. Eu fiz cobertura de cicatriz aqui que teve gente que saiu muito feliz porque num usava um biquíni por conta disso e agora passou a usar.

Tatuador Profissional 2 (TP2) (E2): Sim, houve muita mudança. A tatuagem antigamente era vista mais por algum grupo isolado, e quem tinha tatuagem era discriminado: ‘ah é bandido!’ Mas hoje em dia a tatuagem passou desse espaço discriminado pra um momento de tatuagem estética, que a pessoa faz pra melhorar mais seu visual. Saiu mais esse preconceito. Apesar de muitas pessoas mais velhas ainda têm esse preconceito bem forte (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

As falas dos sujeitos comprovam aquilo que a literatura apresenta acerca da tatuagem no meio social: uma trajetória marcada por muitos entraves e embates socioideológicos, visto o caráter depreciativo e marginal a

ela atribuído, e, que por isso, hoje, ela ainda galga espaços de melhor aceitação e reconhecimento social. Sobre isso, é interessante o depoimento de TP2, ao afirmar que apesar das coisas terem melhorado, “*muitas pessoas mais velhas ainda têm esse preconceito bem forte*”, revelando assim, que isso é herança do processo de formação cultural e ideológica dessas pessoas, do tempo em que a tatuagem é vista apenas como prática marginal e de estereotipização negativa do caráter e da moral da pessoa.

Percebe-se pela fala de TP1, que ele acredita que, no estado do Piauí, as coisas estão atrasadas, se comparado com os estados do Sul do país, ou mesmo demais estados do Nordeste. Mas há de considerar os avanços positivos, que eles consideram que vem acontecendo atualmente, e que tem se dado, principalmente, por meio de diversas iniciativas e movimentos desenvolvidos pelos próprios grupos de tatuadores de diversas partes do Brasil, como por exemplo: a luta pelo reconhecimento da prática de tatuador como profissão, que para o efetivo exercício, necessitaria obrigatoriamente de um curso de formação, que melhor os qualificasse e garantisse também, um reconhecimento salarial de base para todo o país, considerando o valor artístico e comercial da tatuagem.

Outro valor que contribui para que a tatuagem seja vista de forma positiva pela sociedade, é seu caráter utilitário, social e estético, como no exemplo citado por TP1, em casos de tratamento de doenças, em que ajudam na melhoria da autoestima da pessoa.

As conversas com os sujeitos tatuadores permitem, portanto, uma aproximação com os cenários em que a tatuagem é produzida, a partir da visão de quem a pratica como forma de produção de renda e inserção no mundo do trabalho, mas principalmente, são movidos pelo valor artístico que ela representa. Essa visão foi possível graças a um diálogo intensivo com os tatuadores. Neste momento, apresenta-se a seguir, outra percepção sobre o fenômeno: a dos sujeitos tatuados, aqueles considerados como autores do gênero discursivo, pois que assumem as responsabilidades de atrelá-lo a seu corpo, como um caderno ambulante, com anotações dos mais variados tipos.

Os tatuados

As questões tratadas no curso das investigações com os sujeitos tatuados, algumas bem semelhantes as dos tatuadores, merecem análises separadamente, visto que estes sujeitos são considerados como protagonistas do ato de tatuar, pois vivenciam socialmente a dimensão de inscrever o gênero discursivo na pele, dispondo do corpo como *locus*, às vezes, público, para a expressão de ideias, significados, sentidos e propósitos, que podem ser explícitos e implícitos no texto da tatuagem, dependendo das motivações particulares e dos estilos do sujeito enunciador, posto que, de acordo com Bakhtin e Volochinov (2009, p. 37), “a palavra [entendendo-se aqui a tatuagem

como um texto que pode ser expresso por meio de uma palavra, uma imagem, um desenho etc.] [...] pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”; e é isso que eles começarão a dizer agora, a partir deste primeiro questionamento, feito com o objetivo de situar o terreno da investigação: “*A quanto tempo você tem tatuagem? E qual a origem do desejo de tatuar o corpo?*”

Sujeito Tatuado 1 (ST1): Bom, sempre gostei de me tatuar. A tatuagem é uma forma de me expressar. Minha primeira tatuagem eu fiz tinha uns 19 ou 20 anos. Hoje tenho 23. Sempre gostei de tatuagem, *piercing*, mas, particularmente gosto mais de tatuagem.

Sujeito Tatuado 2 (ST2): Essa tatuagem [mostrando uma tatuagem] eu tenho há pouco mais de nove meses.

A questão da tatuagem é porque eu sempre admirei a arte em geral e eu queria ter uma arte marcada no meu corpo. Só que eu sempre pensava ‘como é que meu pai e minha mãe vão reagir? Tenho que respeitar a decisão deles. Só que aí chegou um momento que eu quis fazer e aí falei: ‘pai, eu vou fazer uma tatuagem’. Depois eu conversei com ele e disse: ‘não vou mudar meu modo de ser por conta duma tatuagem porque isso é só uma coisa, um desejo que eu tinha de fazer uma tatuagem e tou realizando agora’.

Sujeito Tatuado 3 (ST3): Exatamente há uns 8 a 9 anos.

Eu sempre gostei. Meus pais têm tatuagem e outras pessoas da minha família e eu também, desde criança. Eu imaginava ‘Nossa! legal! Vou ter uma em mim também!’ Aí eu decidi fazer. Na época que fiz, eu era muito jovem e acabei fazendo uma que era besteira, mas hoje já não tenho do que reclamar (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

Os sujeitos revelam histórias parecidas na escolha por fazer uma tatuagem. O gosto pela arte e o desejo de fazer do corpo um espaço que aproximasse essa arte de si mesmos, os motivou desde cedo. Geralmente, em suas histórias, o fator familiar tem influência significativa. ST2, por exemplo, conta um caso interessante, em que revela uma situação de conflito com a família, mas que superou, mostrando outro lado da tatuagem, para além da reprodução do preconceito e da marginalização. Já ST3, revela um caso oposto, em que foi justamente a família que o influenciou, em vista de que pai e mãe eram tatuados, então o tema era tratado de forma natural no ambiente doméstico. As represálias vieram do ambiente externo, em decorrência de sua postura imatura, que ele atribui ao fato de ser muito jovem.

É significativo ressaltar, a partir disso, que a escolha pelas tatuagens está relacionada a um processo de amadurecimento pessoal do sujeito. Os depoimentos de ST2 e ST3 também comprovam isto, pois que, com o passar dos tempos eles foram definindo uma personalidade e se decidindo por algo de conteúdo mais valorativo para inscrever na pele. Disso, pode-se empreender que, por trás de cada história, há acima de tudo um processo de amadurecimento como pessoa, na medida em amplia suas percepções de mundo. Com base nisso, torna-se pontual a

seguinte pergunta: “*Quantas tatuagens você tem? E quais as histórias que existem por trás de cada uma delas?*”

Sujeito Tatuado 1 (ST1): Duas. As minhas tatuagens são exclusivas. Só eu tenho! É o seguinte, na minha concepção tatuagem informa muito o que a pessoa é. As minhas tatuagens têm um significado pra mim e só eu tenho porque foram feitas a mão, ninguém mais tem. O que tem nas minhas costas é uma criatura da cultura viking porque sou muito apreciador dessa cultura; e a do braço é mais uma coisa de proteção e sabedoria.

Sujeito Tatuado 2 (ST2): Tou me preparando pra fazer a segunda. Tá com nove meses que fiz a primeira. A que tenho é um *carpe diem*, que tem um significado único pra mim, por conta de que quer dizer: ‘aproveite o dia’, ‘viva intensamente’ porque eu sempre busco tirar proveito das coisas boas que acontecem. No momento que fiz, foi uma situação que eu tava passando, que não era tão boa, e fiquei com aquela motivação. Então comecei a fazer algo que eu queria, que era uma tatuagem, que era algo que ia com certeza me deixar feliz por tá realizando um sonho e toda vez que eu olhasse ia pensar ‘Eu consegui! É minha!’

Sujeito Tatuado 3 (ST3): Eu tenho algumas, não são várias, mas tenho algumas tatuagens. Acho que umas 15, 16.

As pessoas podem ter um mesmo desenho, mas pra cada um pode significar coisas diferentes. Essa daqui do meu braço é um peixe da sorte. O pessoal chama de carpa. Ela virada pra cima representa a busca pelos objetivos, mas também pode ser feita de cabeça pra baixo que é objetivos conquistados, realizados, só que preferi de cabeça pra cima porque ainda estou em busca dos meus objetivos, mas se um dia eu conseguir conquistá-los, pode ter certeza que eu vou ter o local exato pra fazer a outra.

Tem uma que eu fiz agora recente, uma ampulheta, um relógio, que tem uma partezinha cheia de areia, que vai caindo, mostrando o tempo que vai se passando. O tempo que passou você não vai poder voltar no tempo, porque ele já morreu e você tem que deixar aquilo pra trás, e a areia que tá lá é o dia passando e você tem que fazer, ter novas rotinas de vida e assim, aquilo foi me cativando (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

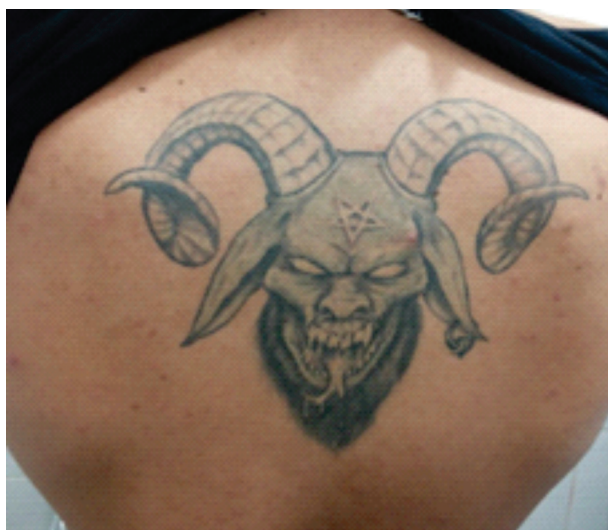


Figura 1. Sujeito tatuado 1 (ST1).
Figure 1. Tattooed subject 1 (TS1)



Figura 2. Sujeito tatuado 1 (ST1).
Figure 2. Tattooed subject 1 (TS1)

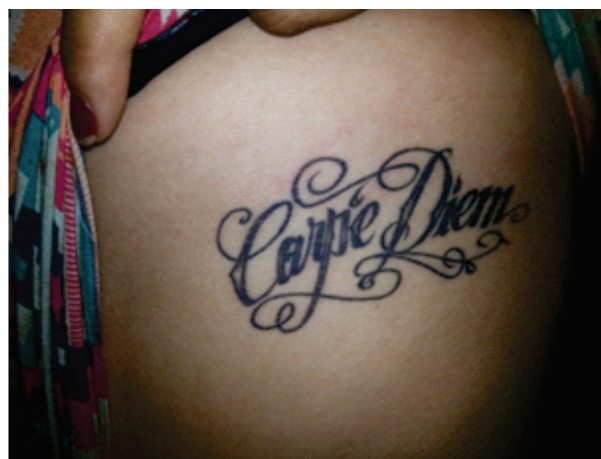


Figura 3. Sujeito tatuado 2 (ST2).
Figure 3. Tattooed subject 2 (TS2).



Figura 4. Sujeito tatuado 3 (ST3).
Figure 4. Tattooed subject 3 (TS3)

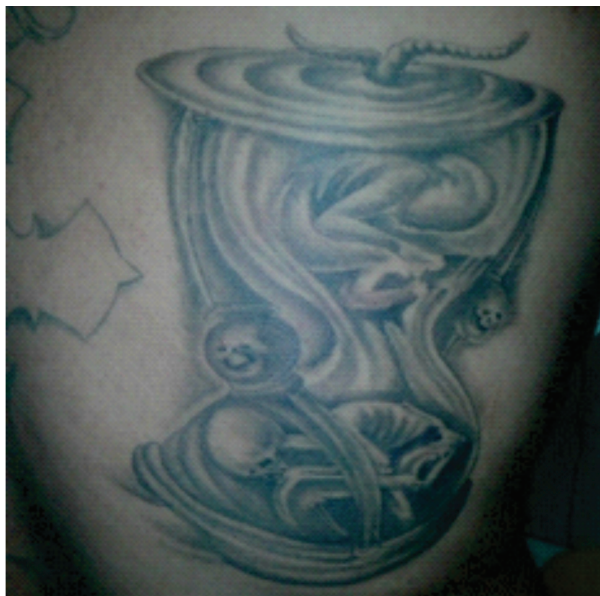


Figura 5. Sujeito tatuado 3 (ST3).

Figura 5. Tattooed subject 3 (TS3).

Costurando a fundamentação teórica bakhtiniana às falas dos interlocutores, cabe apontar para a tatuagem como gênero do discurso, que faz do corpo um suporte incidental, constituindo-se deste modo, a partir de sua recorrência na produção de enunciados no meio social. Conforme Bakhtin (2011, p. 261), todas as esferas da atividade humana relacionam-se à utilização da língua “em forma de enunciados (orais e escritos), concretos”, e que “não se repete, pois é um evento único (pode somente ser citado)” (Rodrigues, 2005, p. 154).

Nas falas de ST1: “*As minhas tatuagens têm um significado pra mim e só eu tenho*”; ST2: “*A que tenho é um carpe diem, que tem um significado único pra mim*”; e ST3: “*As pessoas podem ter um mesmo desenho, mas pra cada um pode significar coisas diferentes*”, torna visível e concreta essa orientação teórica, constatando, mais uma vez, a ideia já defendida neste estudo, de que a tatuagem se configura como um gênero discursivo, por se manifestar através de enunciados, e como forma de interação humana.

Outros aspectos a serem identificados dizem respeito ao problema da significação e da construção dos sentidos, tratados por Bakhtin e Volochinov (2009), posto que cada tatuagem possui um sentido único e definido. Além disso, é “individual e não reiterável”, constituindo assim, o tema completo da enunciação, que é o sentido assumido pelos sujeitos tatuados. Esses significados operam como marcas de construção da identidade, e assim, devem ser interpretados, conforme as condições de produção e os desejos particulares dos tatuados.

Os sujeitos revelam muita maturidade nas escolhas por essas tatuagens, visto que todos já chegaram com a

ideia pronta, e ao tatuador coube apenas moldá-la no corpo humano. Os desenhos escolhidos por cada um deles revelam a questão do estilo individual, também tratado por Bakhtin (2011, p. 265), como “indissoluvelmente ligado ao enunciado [...] e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)”, neste caso, os tatuados, vistos como autores. Estes apresentam histórias muito específicas, que por meio da análise de seus discursos, é possível perceber alguns sentidos implícitos em suas grafias epidérmicas.

Por exemplo, por trás da história explicitada por ST2, especificamente, quando ela diz: “*No momento que fiz, foi uma situação que eu tava passando, que não era tão boa, e fiquei com aquela motivação*” percebe-se, implicitamente, que a tatuagem representou uma forma de superação de um problema, uma espécie de “reação-resposta ativa responsiva” a si mesma, num diálogo intersubjetivo, a partir de um signo linguístico específico, relacionado a questões ideológicas (Bakhtin, 2009), que se materializou no corpo, através do símbolo: “*carpe diem*”.

As histórias relatadas e suas respectivas imagens levam ao seguinte questionamento: “*Como acontecem as escolhas dos tipos de tatuagem a serem feitas? Que tipos de influências interferem em suas escolhas?*”

Sujeito Tatuado 1 (ST1): Não teve interferência nenhuma. Acontece que quando eu tinha 18 anos eu tava muito dentro dessa cultura viking, e aí pensei: ‘rapaz, eu vou fazer’, e até hoje num me arrependo. A cultura viking me atraiu em tudo. Eu me envolvi pela questão de musicalidade, mas de estilo mesmo. É uma cultura de outro país, de países baixos.

Sujeito Tatuado 2 (ST2): No caso o que significa mesmo, o que essa imagem ia trazer pra mim e sempre buscar me motivar. Toda vez que eu olho eu lembro do significado dela que é: ‘aproveite o dia, viva intensamente’ e automaticamente me leva a ficar bem quando eu tou me sentindo triste.

Sujeito Tatuado 3 (ST3): Algumas ideias são minhas, mas eu sempre gosto de tá vendo as ideias de outras pessoas, pra ver o que sugerem. Tipo: ‘ah! será se fica legal?’ e eu acabo explicando o significado e elas dizem: ‘ah! tá muito grosseiro!’. E essas pessoas que reclamam muito, eu não costumo escutar, pois eu já vou com a intenção (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

Neste ponto da análise, as falas dos sujeitos tatuados revelam aspectos similares à visão apresentada pelos tatuadores a respeito das influências no processo de escolha pelas tatuagens. Há, portanto, neste aspecto, um encontro de vozes, as quais ecoam no sentido de afirmar a ideia de que por trás de cada tatuagem existem questões ideológicas e visões muito específicas do mundo do sujeito tatuado. Estes reafirmam a questão da autoria no processo de criação da tatuagem, visto que assumem as consequências de carregar o texto inscrito na pele.

No processo de escolha, alguns até aceitam sugestões, como revela ST3 em: “*Algumas ideias são minhas, mas eu sempre gosto de tá vendo as ideias de outras pessoas, pra*

ver o que sugerem”, mas desde que essas não interfiram ou mudem radicalmente seus gostos, pois se isso acontece, ele costuma não escutá-las, prevalecendo, assim, suas intenções, propósitos ou sentimentos que deseja expressar com aquela tatuagem, conforme buscou-se investigar com a pergunta a seguir: *“Qual o sentimento, desejo ou realização pessoal você busca alcançar através da tatuagem?”*

Sujeito Tatuado 1 (ST1): É aquela questão de gosto mesmo, de satisfação. Eu gosto do que ninguém tem! Quando eu fiz minha tatuagem nas costas, que é um demônio, muito bem feito, muita gente disse: ‘tu vai te perder por causa disso aí’ e tal, mas eu disse: ‘rapaz é só um desenho! Tanto faz um desenho num papel como eu colocar aqui nas minhas costas, na minha pele’. E eu quero ele na minha pele pro resto da vida porque é uma coisa que eu gosto, e até hoje ninguém fez a mesma coisa.

Sujeito Tatuado 2 (ST2): É uma satisfação. Eu queria mostrar pras pessoas que a tatuagem num é aquilo que todos pensam, que não é porque eu vou ter uma tatuagem que eu vou deixar de ser uma pessoa boa. Eu estou valorizando a arte, a cultura e valorizando o trabalho dos profissionais.

Sujeito Tatuado 3 (ST3): Minhas realizações são de total satisfação, primeiramente com o resultado posterior ao procedimento da tatuagem. Creio eu, que a sociedade quando vê isso não tem tanta opressão a respeito do seu tipo de tatuagem. Tem relação com a autoestima. Eu gosto muito de tatuagem, mas não idolatro, como se fosse um santo (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

O discurso dos interlocutores revela que a tatuagem funciona como uma forma de realização e conquista de uma autonomia de pensamento do sujeito tatuado, que assume um posicionamento de enfrentamento e transgressão às ideias preconceituosas e reducionistas impostos pela sociedade. Sobressai-se o aspecto de realização pessoal, elevação da autoestima, valorização do *“trabalho dos profissionais da área”* (ST2), e mais uma vez, o culto ao aspecto artístico da tatuagem.

Suas formas particulares de enunciar o gênero revelam aspectos de extrema originalidade e definição de um estilo individual, como por exemplo, no relato de ST1, no qual ao tatuar um demônio nas costas, revela-se como algo original, pois embora a simbologia já exista, ele assume as consequências que a figura representa socialmente, com muita coragem, ousadia e estilo próprio, características visivelmente expressas nesta frase: *“eu quero ele [referindo-se à imagem do demônio tatuada nas costas] na minha pele pro resto da vida porque é uma coisa que eu gosto, e até hoje ninguém fez a mesma coisa”*.

Em ST2, é possível perceber uma “reação-resposta ativa responsiva” (Bakhtin, 2009) do sujeito enunciativo à sociedade, quando afirma que ao fazer uma tatuagem *“queria mostrar que num é aquilo que todos pensam, que não é porque eu vou ter uma tatuagem que eu vou deixar de ser uma pessoa boa”*. Neste aspecto, ST2, assim como ST1, assume uma postura autêntica e de muita personali-

dade frente ao seu grupo social. À luz disso, questionou-se: *“De que forma a sociedade encara a pessoa tatuada? Há algum tratamento diferenciado, que você possa afirmar que lhe dispensaram antes e depois de tatuar o corpo?”*

Sujeito Tatuado 1 (ST1): A população ainda marginaliza muito a tatuagem. Mas existem médicos, advogados, juizes, promotores tatuados. Médicos, bombeiros que vão salvar a tua vida, e quando colocam o jaleco e cobrem toda a tatuagem, ele se torna um médico, mas se ele coloca uma camiseta e mostra todas as tatuagem, ele se torna um marginal! E aquele marginal pode salvar a tua vida, num é? Tatuagem não define caráter. Mas houve mudança sim. Hoje em dia, já é bem mais bem visto do que antigamente, que se você tivesse uma tatuagem, era bandido de polícia federal ir atrás de você. Hoje em dia não, é um pouco mais light. Mas ainda tem aquelas pessoas mais antigas que na hora que veem a tatuagem, falam: ‘Nossa!’, e até se benze. Com medo, alguns botam a mão no telefone, passam pro outro lado da rua. Mas tá bem relativo isso.

Sujeito Tatuado 2 (ST2): Até agora graças a Deus num tive nenhum problema. Meus pais entenderam que não é por conta da tatuagem que eu vou mudar meu modo de ser. Eles até acham bonito! No meu caso, eu não tenho tatuagem pra andar com ela a amostra, mas é só pra mim. É por discríção minha mesmo. Acho muito bonito e aos poucos, quem sabe, eu até possa fazer uma mais exposta, mas pra agora num quero não. Mas eu tenho vontade de fazer mais algumas ainda.

Sujeito Tatuado 3 (ST3): Eu sempre tive vontade de fazer porque achava legal a arte, ter aquilo no corpo e me sentir bem.. E o que a sociedade vai pensar das minhas tatuagens eu num me incomodo muito. A sociedade ainda pensa mais negativo. No meu caso, depois que o tempo foi passando, foram se acostumando, me conhecendo mais e viram que eu num era aquilo que achavam e acabaram se tranquilizando a meu respeito. Hoje me tratam super bem (Dados coletados na pesquisa de campo, junho de 2014).

As histórias dos sujeitos tatuados revelam questões de expressiva relevância acerca da forma com a sociedade encara a tatuagem. Suas percepções sobre o fato são ainda mais expressivas do que a visão do tatuador, visto que o tatuado é considerado como o autor, pois é ele quem ‘sente na pele’ os efeitos de transformar o corpo em um painel de exposições.

Quanto à forma e o tratamento que a sociedade dá tatuagem, identifica-se o aspecto de avaliação ideológica tratada por Bakhtin e Volochinov (2009), o qual todo signo está sujeito a julgamentos. Na fala dos sujeitos, observa-se que eles acreditam ter havido uma mudança positiva, quanto ao sentido e a significação da tatuagem. Contudo, a sociedade denota ainda à tatuagem estigmas, principalmente quando se trata de sujeitos idosos (essa visão também foi repassada pelos tatuadores), os quais tiveram uma formação em um contexto cultural tradicional, em que os valores atribuídos à tatuagem (que na época nem se pensava ainda em tratá-la como forma de arte e muito menos como gênero do discurso), eram negativos, associados a uma carga valorativa que identificava o sujeito tatuado apenas como um fora da lei,

um “*bandido de polícia federal ir atrás de você*” (ST1), um “*malandro, marginal*” (ST3).

Essa postura preconceituosa da sociedade, historicamente arraigada nos padrões culturais, pode ser identificada também a partir do princípio da “reação-resposta ativa responsiva” de Bakhtin e Volochinov (2009), ou seja, a sociedade não entende, não aceita, e a reação imediata é a discriminação, como a forma mais desvelada do preconceito social, conforme as palavras dos interlocutores da pesquisa enunciam: “*ainda tem aquelas pessoas mais antigas que na hora que veem a tatuagem, falam: ‘Nossa!’, e até se benze. Com medo, alguns botam a mão no telefone, passam pro outro lado da rua. Mas tá bem relativo isso*” (ST1).

Os diálogos com os sujeitos tatuados vieram a confirmar e validar ainda mais a visão dos tatuadores, através de um contato mais próximo com o fenômeno investigado. Deste modo, as categorias de análise permitiram uma reflexão sobre a realidade do gênero discursivo tatuagem e do corpo que se insere como suporte na construção desse gênero.

Considerações finais

Das experiências vivenciadas em campo com o tatuador e o tatuado, acerca da tatuagem enquanto gênero discursivo, consubstanciado na epistemologia bakhtiniana, resultou na formulação de ideias e proposições, que equiparadas entre a teoria e a prática, possibilitam olhar para a tatuagem como um fenômeno social, ideológico e historicamente construído em um lugar específico, de onde emanam valores, pré-concepções e representações do “vir a ser”, e que ainda hoje fazem parte do campo das ideias que permeiam a sociedade, fazendo assim, suscitar movimentos de luta, ruptura e renovação do pensamento, em prol do reconhecimento e valorização desse gênero.

Os sujeitos tatuadores, a partir de suas experiências, embora relativamente curtas, considerando que ambos estão a menos de dois anos no ramo, afirmam que a tatuagem surgiu em suas vidas como uma forma de aliar o gosto pela arte e a inserção no mercado de trabalho. No exercício desta profissão, eles acompanham um processo de expansão da tatuagem, pelo significativo número de pessoas que a procuram (o fenômeno da recorrência), e trazem consigo uma carga de valores e representações de mundo, as quais requerem que suas habilidades como artesão da estética façam surgir algo de belo e atrativo para essa pessoa, obedecendo a um modo particular de criação de cada tatuado, considerando este como autor.

Em meio a uma sociedade globalizada e em acelerados processos de mudança de paradigmas, eles avaliam que a tatuagem responde a um desejo de realização, principalmente artística, tanto do tatuador como

dos tatuados, conforme eles atestam em suas práticas cotidianas, em que cada vez mais a tatuagem é solicitada para diferentes propósitos, desde os práticos e utilitários, como no tratamento de doenças aos aspectos meramente estéticos, de autoestima e transformação do corpo como suporte incidental para exibição do gênero.

Quanto aos sujeitos tatuados, estes enunciam a partir de uma situação mais concreta de vivência com a tatuagem, considerando que eles a carregam em seus corpos. As falas dos sujeitos revelam motivações muito particulares para o desejo de tatuar, sejam elas relacionadas a envolvimento cultural; à realização de um sonho; à busca pela satisfação pessoal; à valorização da arte, aproximando-a através da inscrição no espaço do corpo físico; à ajuda para a superação de um problema; ao rompimento com ideias preconceituosas e preconcebidas sobre a tatuagem; por influências familiares ou de amigos; entre outros fatores que fazem da tatuagem um elemento de significativa recorrência na atualidade, sendo possível, assim, defini-la como gênero do discurso, que se constrói e se define a partir de situações concretas de enunciação (Bakhtin, 2011).

Evidencia-se também, nas falas dos tatuados, as marcas de um discurso de coragem, ousadia e transgressão social, na medida em que transformam o corpo em suporte para um “dizer”, expondo-se a situações de enfrentamento ao preconceito e buscando conquistar um espaço de respeito e reconhecimento, por meio da avaliação ideológica social.

Constata-se ainda, que a construção da tatuagem enquanto gênero do discurso está intimamente ligada a questões do corpo e da subjetividade humana. O corpo como suporte incidental para o texto, representa elemento determinante nesse construto. As pessoas tatuadas utilizam-se do corpo como instrumento do dizer, de comunicarem sua arte, seus desejos e anseios. Constitui-se desse modo, a metáfora do caderno ambulante, em que as pessoas fazem da própria pele um espaço para a inscrição definitiva de signos linguísticos, por meio de símbolos carregados de valores ideológicos, que movimentam suas ações no mundo, e o próprio movimento do corpo físico e matéria no espaço.

O principal problema ou entrave que a tatuagem ainda enfrenta está relacionado às questões de aceitação e reconhecimento social. Para tanto, aponta-se para possibilidades de contribuições que minimizem essa realidade, como por exemplo: o reconhecimento de seu valor artístico e cultural, como ficou patente em todos os momentos da pesquisa; a função utilitária e social que a tatuagem desempenha, como por exemplo, no tratamento de doenças; entre outros. Essas razões são defendidas tanto pelos grupos de tatuadores, como por iniciativas como esta, desenvolvida por meio de uma pesquisa, em que trouxe para o âmbito acadêmico-científico a discussão de um tema desprestigiado no meio social.

Portanto, dos fundamentos teóricos aos práticos, conclui-se que a tatuagem se insere numa perspectiva dialógica do gênero do discurso; e que para isso, utiliza-se do corpo como suporte incidental para a produção de enunciados “únicos e irrepetíveis”, que carregam e transmitem valores, impressões, significados, sentidos e propósitos, explícitos e implícitos, particulares de cada pessoa, que se legitima como autor do texto que inscreve na pele.

Referências

- BAKHTIN, M. 2005. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 341 p.
- BAKHTIN, M. 2011. *Estética da criação verbal*. 6ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 476 p.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. 2009. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13ª ed., São Paulo, Hucitec, 203 p.
- BRAGA, S. 2009. A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, 9(1):131-155, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n1/a07v9n1.pdf>. Acesso em: 22/06/2014.
- FARACO, C.A. 2003. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas o círculo de Bakhtin*. Curitiba, Criar Edições, 165 p.
- GREINER, C. 2005. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo, Annablume, 150 p.
- GROGNARD, C. 1992. *Tatouages. Tags à l'âme*. Paris, Syros Alternatives, 133 p.
- HALL, S. 2011. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed., Rio de Janeiro, DP&A, 102 p.
- LE BRETON, D. 2003. O Corpo Acessório. In: D. LE BRETON, *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. 6ª ed., Campinas, Papirus, p. 27-54.
- LE BRETON, D. 2002. *Signes D'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris, Métailié, 149 p.
- MARCUSCHI, L.A. 2003. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV: Língua, Linguística e Literatura*, 1(1):1-34.
- PEREIRA JR., L.C. 2009. Tatuagens verbais. Blog Segura no Texto: técnicas de redação e crítica cultural, 29 abril. Disponível em: <http://seguranotexto.blogspot.com.br/2009/04/tatuagens-verbais.html>. Acesso em: 03/07/2014.
- PÉREZ, A.L. 2006. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, 12(1):179-206. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v12n1/a07v12n1.pdf>. Acesso em: 02/07/2014.
- RAMOS, C. 2001. *Teorias da Tatuagem: corpo tatuado*. Florianópolis, UDESC, 204 p.
- RODRIGUES, R.H. 2005. Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: a Abordagem de Bakhtin. In: J.L. MEURER; A. BONINI; D. MOTTA-ROTH, *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo, Parábola, p. 152-183.
- SANTOS, J.B.C. 2004. O gênero textual como manifestação discursiva. In: I.L. MACHADO; R. MELLO (orgs.), *Gêneros: Categorias de Análise do Discurso*. Belo Horizonte, NAD/FALE/UFMG, p. 327-338.
- VAL, M.G.C. 1991. *Redação e textualidade*. São Paulo, Martins Fontes, 142 p.

Submetido: 29/01/2015
Aceito: 05/08/2015

Francisco Renato Lima

Mestrando em Letras – Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Petrônio Portela, Ininga, 64049-550, Teresina, PI, Brasil

Vanessa Raquel Soares Borges

Mestranda em Letras – Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Petrônio Portela, Ininga, 64049-550, Teresina, PI, Brasil

Francisco Alves Filho

Doutor em Linguística. Professor da Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Petrônio Portela, Ininga, 64049-550, Teresina, PI, Brasil